

ESTABILIDADE E SUSTENTABILIDADE REFLETEM ATUAL CONJUNTURA DO SETOR FLORESTAL

O cenário econômico mundial atual apresenta-se relativamente estável. A recuperação econômica constatada nos diversos continentes é um fato. Esta, porém, ainda é frágil e constantemente ameaçada por diversos fatores, como desastres ambientais, mudanças nas políticas macroeconômicas e nos conflitos entre nações. Porém, o desafio maior que sociedade enfrenta é conseguir um desenvolvimento em bases sustentáveis, ou seja, que combinem crescimento econômico com sustentabilidade ambiental. Neste contexto, a conjuntura do mês de agosto de 2010 do Centro de Inteligência em Florestas além de apresentar os acontecimentos recentes para os principais segmentos florestais, discute a sustentabilidade no setor florestal brasileiro.

O crescimento da população mundial e o conseqüente aumento da demanda de bens têm levado a sociedade a uma interferência cada vez mais desequilibrada na natureza afetando seus mecanismos naturais de renovação, o eco-sistema, tornando-o cada vez mais vulnerável e incapaz de dar uma resposta positiva, por exemplo, à produção de alimentos saudáveis, ao consumo esgotante de energia fóssil, à poluição incontrollável, ao desemprego massivo, dentre outros efeitos indesejáveis. A produção e o consumo urge por um crescimento sustentável que ofereça alternativas de uso mais eficiente dos recursos naturais e permita um *modus vivendis* da população menos danoso.

Pesquisas atuais mostram que há um despertar crescente no Brasil, de modo especial, por uma consciência ambiental, constatada não só no cotidiano dos cidadãos comuns e percebida interna e externamente. Dentre outros itens, o Brasil tem se destacado pelo alto consumo de bio-combustíveis e por uma forte consciência de sustentabilidade. O país alcançou o 6º. lugar no *ranking* de 75 países que participaram do desafio global do *Green Your World*, lançado no dia 5 de junho, Dia Mundial do Meio Ambiente, pelo IEEE (Associação Profissional para o Avanço da Tecnologia). Essa constatação representa um dado positivo para os negócios em geral, e em particular para os negócios florestais. O relatório *McKinsey Global Survey* mostra que os executivos, em geral, estão começando a reconhecer a importância de se preocupar com a sustentabilidade, especialmente com as oportunidades de negócios que ela pode

gerar para o futuro das suas empresas, uma vez que os consumidores e empregados se preocupam com o meio ambiente e esse interesse representa oportunidades concretas de negócios, requerendo das empresas ações de preservação ambiental com desenvolvimento de novos produtos e idéias para renovação de recursos naturais.

Segmento de Celulose e Papel

Neste segmento, pode-se dizer que o Brasil está à frente na questão da sustentabilidade, pois possui uma elevada produtividade florestal, tecnologia silvicultural avançada e grande percentual de florestas certificadas (cerca de 41% das florestas do segmento são certificadas), produz 100% de celulose de florestas plantadas, desenvolve projetos de reutilização da água nas unidades industriais. Além disso, gera energia renovável e limpa, por meio da biomassa, emprega 114 mil pessoas, direta e indiretamente; e promove mais de 500 ações sociais em áreas como educação, saúde, programas de educação ambiental (Associação Brasileira de Celulose e Papel - BRACELPA). No entanto, para efetivar-se como sustentável, o segmento precisa vencer dificuldades relacionadas à coleta seletiva. É necessário dar estímulos aos catadores de papel e fazer investimentos na infra-estrutura e logística de suas cooperativas.

Com relação ao mercado, os preços da celulose e do papel apresentaram-se crescentes nos últimos meses no Brasil e no exterior, devido ao aquecimento da demanda (Quadro 1).

Quadro 1 – Preço da celulose e do papel, maio a julho de 2010.

Período	Preço do Papel em SP (R\$/t.)		Preço da celulose de fibra curta (US\$/t.)			Preço do Papel na Europa (US\$/t.)		
	Papel offset em bobina	Papel cut size	SP	Europa	USA	A4	Embalagem Marron	Revestido p/ impressão de revistas
Mai./2010	2.942,86	3.312,62	866	681,04	868,13	784,6	480,8	627,87
Jun./2010	3.078,89	3.322,21	908	740,29	906,56	805,1	496,02	632,16
Jul./2010	3.078,89	3.430,46	930	720,53	919,97	828,23	525,33	640,52
Crescimento (%)	2,3	1,8	3,6	3,0	3,0	2,7	4,5	1,0

Fonte: Informativo CEPEA – Setor Florestal; FOEX.

No que diz respeito ao consumo nacional de celulose e papel, houve uma recuperação no período pós-crise. Mesmo assim, o consumo no país ainda é baixo quando comparado aos países da Europa. No Brasil, devido ao baixo poder aquisitivo da população, consome-se em média 44,6 Kg de papel/habitante ano. Na Finlândia, por exemplo, o consumo é de 341,7 Kg/habitante ano. Contudo, a expectativa é de crescimento do consumo de papel no país por causa de eventos futuros como a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016. Com isso, as empresas do segmento voltaram a investir em aquisição de maquinário moderno, novas fábricas e na contratação de pessoal. Assim, é esperado para este ano de 2010 um crescimento de 6,5% no segmento.

Segmento de Produtos Florestais Não-Madeireiros

No segmento de Produtos Florestais Não-Madeireiros a sustentabilidade poderia ser alcançada por meio de políticas governamentais voltadas para o aumento da produção nacional, como incentivo a pesquisas para aumentar a produção por hectare e linhas de crédito para a heveicultura.

Iniciativas nesse sentido estão sendo realizadas. Algumas pesquisas já foram desenvolvidas para melhorar o cultivo da seringueira no país e, recentemente, foi lançada uma linha de crédito do Banco do Brasil destinada ao cultivo de seringueira em São Paulo e no Espírito Santo. Porém, é necessário mais incentivo a pesquisa e linhas de crédito voltadas para o cultivo da seringueira em outros Estados com grande potencial para o desenvolvimento da heveicultura como é o caso do Mato Grosso, Bahia e Minas Gerais.

Além disso, a integração entre políticas públicas e privadas para a certificação desses produtos também levaria a incrementos na sustentabilidade. Contudo, as políticas para implementação de selos e certificados têm partido principalmente de projetos e iniciativas de organizações privadas ou não-governamentais.

No mercado de produtos florestais não madeireiros foi observado, nos últimos meses, preços em alta para a borracha natural e o palmito, em São

Paulo. Os preços do palmito no Espírito Santo permaneceram estáveis (Quadro 2).

Quadro 2 – Preço de produtos florestais não-madeireiros,

Período	Borracha Natural (SP) – R\$/kg	Palmito (SP) – R\$/lata de 300 g	Palmito (ES) – R\$/kg
Mai./2010	2,72	9,49	0,83
Jun./2010	2,84	9,52	0,83
Jul/2010	-	9,94	0,83
Crescimento (%)	4,41	0,30	0,00

Fonte: IEA (2010); CEASA/ES (2010).

No caso da borracha natural, o aumento de preços pode ser explicado pela intensificação da demanda no país, somada à maior disputa por matéria prima entre as usinas de beneficiamento no mercado paulista, e pelo declínio da produção em São Paulo, devido ao período de entressafra.

No que diz respeito às importações nacionais dessa importante matéria-prima de produção, de janeiro a julho desse ano, o Brasil importou 152,0 mil toneladas de borracha natural, equivalente a US\$ 439,6 milhões (Ministério do desenvolvimento, Indústria e Comércio – MDIC, 2010).

Já as exportações de palmito somaram 895,7 toneladas ou US\$4.319.365; a de castanha-do-pará, 8.229,1 toneladas ou US\$10.878.948; tanino, 46,2 toneladas ou US\$590.779; e óleos essenciais de eucalipto, 153,1 toneladas ou US\$1.933.962 de janeiro a julho de 2010 (MDIC,2010).

As exportações de borracha natural somaram 5.719 toneladas ou US\$ 22,2 milhões, também segundo dados do MDIC. As exportações têm aumentado em 2010. Suspeita-se que uma das fabricantes de pneus instaladas no Brasil esteja embarcando o elastômero natural para sua subsidiária na Venezuela.

Segmento de madeira processada

O alcance de níveis mais elevados de sustentabilidade é um grande desafio para este setor. Observa-se que as empresas que possuem florestas plantadas têm buscado a certificação florestal e práticas mais corretas. No entanto, poucas empresas

que utilizam madeira nativa têm buscado tal prática. Segundo estudo da Chatham House, no Brasil, o desmatamento ilegal na Amazônia caiu 75% na última década, principalmente nos últimos cinco anos, quando o governo intensificou o combate às derrubadas na região e modernizou o sistema de transporte e comércio de madeira, com o Documento de Origem Florestal (DOF). O relatório elogia o sistema brasileiro de monitoramento de florestas e cita o aumento no número de operações policiais na Amazônia para combater o desmate. No entanto, os pesquisadores apontam falhas - a derrubada ilegal ainda representa de 35% a 70% de todo o desmatamento. "As penas nem sempre são aplicadas. No Brasil, por exemplo, apenas 2,5% das multas são recolhidas".

Outros dados mostram que, atualmente, o Brasil dispõe de 5,4 milhões de hectares de áreas certificadas e conta com dois modelos de selos verdes: o FSC (Conselho de Manejo Florestal, em português), de origem americana, e o Cerflor (Programa de Certificação Florestal), do Inmetro. Um problema é a oferta limitada de madeira certificada para o mercado interno. Em geral, as principais empresas produtoras (Mil Madeiras, Orsa Florestal e Cikel Brasil Verde) acabam investindo mais na exportação. Outra questão está no preço normalmente mais alto do que os das madeiras comuns. No entanto, uma pesquisa recente do Datafolha, publicada em maio deste ano e encomendada pela organização Amigos da Terra, revelou que 85% dos entrevistados pagariam mais caro por produtos certificados. "Essa resposta mostra um cenário muito promissor no Brasil", conta Karina Aharonian, coordenadora do Grupo Compradores de Produtos Florestais Certificados. (Hoje em dia, citado por Portal Madeira Total).

O segmento de madeiras em geral encontrou dificuldade de recuperação no primeiro semestre de 2010, conforme aponta os dados da Confederação Nacional das Indústrias (CNI). Comparando com o primeiro semestre de 2009, a variável faturamento foi positiva (6,0%), enquanto os outros indicadores tiveram desempenho negativo: horas trabalhadas (-7,0%), emprego (-5,5%) e massa salarial (-6,8%). Comparativamente com o primeiro semestre de 2008, todos os indicadores mostraram queda, o que indica que ainda não ocorreu plena recuperação no setor – faturamento (-21,5%), horas trabalhadas (-36,2%), emprego (-23,3%) e massa salarial (-15,0%) (Unidade de Comunicação Social - UNICOM).

Por outro lado, dados da FAO mostram que depois da queda de 11,6% no consumo global de madeira, em 2009, a expectativa é de modesta

recuperação este ano. Estima-se que a demanda da construção residencial nos EUA não voltará aos níveis pré-crise. Essa situação afeta o Brasil, uma vez que 70% da madeira que o país exporta têm como destino o mercado americano. As exportações brasileiras de compensados, portas e janelas, folhas serradas, perfilados, painéis de fibra e outros painéis caíram de US\$ 3,3 bilhões para US\$ 1,6 bilhão entre 2007 e 2009. No caso dos compensados, categoria em que o Brasil é o terceiro maior exportador, atrás da Malásia e Tailândia, as vendas diminuíram 50%, em termos de valor, desde 2007, em decorrência da maior demanda interna, da valorização do real, da concorrência de produtores asiáticos, China e Indonésia, e do maior controle ao corte ilegal de madeira na Amazônia.

No mês de agosto de 2010, os preços da madeira na Zona da Mata Mineira, permaneceram estáveis em relação ao mês anterior, segundo CIFlorestas. As madeiras de eucalipto em tora para carvão e para serraria estão cotadas a R\$35,00 e R\$150,00 o m³, respectivamente. Já as madeiras serradas de Eucalipto e Angelim estão cotadas a R\$800,00 e R\$1.710,00 o m³, respectivamente.

Segmento de Carvão Vegetal

Um dos segmentos mais vulneráveis às críticas ambientalistas, o setor de carvão vem tendo sua imagem mudada com respeito à sustentabilidade, por pressão dos mercados internacionais que lutam pela preservação das matas nativas, dos mecanismos legais, da inspeção e controle dos governos federal e estadual, e pela pressão das mudanças tecnológicas nos processos de produção e uso do carvão.

O contexto atual, no Brasil e no exterior, aponta para uma diminuição e reformulação nos usos do carvão, através de uma maior racionalização e transformação tecnológica na sua produção, bem como de orientação para seus usuários. A conscientização dos consumidores, empresários e industriais é crescente. Embora as notícias sobre a exploração de carvão ainda carregam um

exagero quanto à sua legalidade, comercialização e consumo, com freqüentes apreensões, proibições e intervenções, de acordo com o presidente do Sindicarv (Sindicato das Indústrias e dos Produtores de Carvão Vegetal do Mato Grosso do Sul), Marcos José Brito, em recente manifestação sobre a proibição do uso de carvão naquele estado, “as empresas em Mato Grosso do Sul estão percorrendo o caminho rumo a sustentabilidade a passos largos”.

Vários estudos tentam ressaltar aspectos positivos sobre uso sustentável do carvão vegetal. Por exemplo, um estudo da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da USP, sugere que o carvão vegetal seria uma boa alternativa contra o aquecimento global. Nesse caso, o aumento do uso de eucaliptos como biomassa diminuiria o processo de desmatamento das florestas brasileiras, além de criar uma imagem mais favorável, nacional e internacionalmente, para o país.

A conjuntura atual aponta os preços de carvão vegetal, em Belo Horizonte e Sete Lagoas, com cotações de R\$106,00 e R\$102,00/mdc, respectivamente, apresentando uma queda acentuada de aproximadamente 16% e 23%, respectivamente, em relação ao mês de junho de 2010. Ainda assim, os preços estão relativamente bem maiores do que os apresentados em julho de 2009 quando eram R\$75,00 e R\$80,00/mdc, respectivamente. Possivelmente, essa queda deve estar refletindo queda de consumo decorrente de ajustes no comércio interno e externo de produtos relacionados nesse mês.

Setor Moveleiro

A produção sustentável de móveis no Brasil segue uma rota ascendente onde a conscientização, tanto do lado da oferta, quanto da demanda, começa a ter contornos mais definidos. No mercado interno, para onde se destina a maior parte da produção nacional de móveis, ao que tudo indica, ainda é pouco expressiva, ou relativamente incipiente, a demanda de móveis que incorpore algum cuidado com o meio ambiente. As pesquisas atuais, no entanto, mostram que há uma crescente preocupação em todo mundo com móveis sustentáveis. No mercado externo, essa preocupação é mais evidente, principalmente nos

EUA e na Europa. Na China e em outros países asiáticos essa preocupação também começa a tomar corpo. Além de provar que o produto é legal, ou seja, que existe o controle acerca da origem da madeira importada é preciso atestar os critérios de sustentabilidade utilizados e outras obrigações aplicadas à cadeia de suprimento, da floresta até a fábrica. Algumas empresas no país já tomaram consciência dessa realidade e oferecem móveis com certificação, tirando partido dessa nova oportunidade para o setor.

O setor moveleiro como um todo continua crescendo no país. O varejo de móveis e eletrodomésticos avançou 19,5%, entre maio de 2009 e maio de 2010. Nos cinco primeiros meses de 2010 acumularam um aumento de 21,3%. Os dados são da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada no dia 13 de julho pelo IBGE. O segmento teve a segunda maior contribuição na taxa global do varejo (30%).

Segundo informações recentes, o consumo de móveis tem apresentado uma queda no mercado global, atualmente. Porém, isso não tem afetado a indústria ou a trajetória de crescimento do consumo interno. Obviamente, esse é um crescimento que pode apresentar quedas pontuais em virtude do consumo ter sido estimulado pela política recente de redução de impostos do governo federal, mas, para uma boa parcela da população, a demanda de móveis deve ainda continuar aquecida por um bom tempo, acompanhando o forte crescimento do setor imobiliário que acontece em todo país.

Equipe do Centro de Inteligência em Florestas

Naisy Silva Soares – Ms. Ciência Florestal

Márcio Lopes da Silva – Ds. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende – Ms. Economia Rural

Altair Dias de Moura – PhD. Agribusiness Management